

OCcidente

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

5.º ANNO

1 DE JANEIRO DE 1882

VOL. V — N.º 109



UMA VISITA DE D. JOÃO I AO MOSTEIRO DA BATALHA
(Desenho original de Manuel de Macedo)

120

ASSIGNATURA D'ESTE PERIODICO
PARA 1882

Preços da assignatura franco de porte:

CONTINENTE DE PORTUGAL E ILHAS	
Anno ou 36 numeros.....	3\$800
Semestre ou 18 numeros.....	1\$900
Trimestre ou 9 numeros.....	\$950
POSSESSÕES ULTRAMARINAS	
Anno ou 36 numeros.....	4\$000
Semestre ou 18 numeros.....	2\$000
ESTRANGEIRO, UNIÃO GERAL DOS CORREIOS	
Anno ou 36 numeros.....	5\$000
Semestre ou 18 numeros.....	2\$500
BRAZIL (MOEDA FRACA)	
Anno ou 36 numeros.....	15\$000
Semestre ou 18 numeros.....	7\$500

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — AS NOSSAS GRAVURAS — O Bispo dos Açores, CARLOS JOSÉ CALDEIRA — Exposição Nacional de Milão, R. — Tenda Barraca annexa ao Hospital Estephania, XAVIER DA CUSHA — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

GRAVURAS. — Uma visita de D. João I ao Mosteiro da Batalha — O Mestre d'Aviz — D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, Bispo dos Açores — O novo mercado Vinte e Quatro de Julho, inaugurado em 1 de janeiro de 1882 — Peourinho de Pinhel — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

É pasmoso como este anno de 1881 passou rapidamente. Como estes 365 dias correram depressa!

Parce-me que ainda estou a dar-lhes as boas festas do anno passado, ou antes a não lhes dar as boas festas, porque no anno passado, como n'este, como em todos, incommoda pouco o cartão Bristol com as mesuras e ceremonias pautadas pela etiqueta tradicional.

Acabou-se o anno de 1881, e os seus quatro algarismos inspiram-me, á beira da sua cova um epitaphio de mau gosto mas no fim de contas de profunda verdade:

AQUI JAZ O ANNO DE 1881

DUAS VEZES NOVE, DUAS VEZES NADA, COISA NENHUMA

E effectivamente a nossa historia politica e litteraria durante esse anno resume-se n'este velho dictado portuguez.

1881 começou com os progressistas no poder, e acabou com os regeneradores; 1882, que hoje principia a viver para o mundo, começou com os regeneradores e naturalmente acabará com os progressistas, e assim successivamente e sempre, sempre, duas vezes nada cousa nenhuma!

A manhã, dois de janeiro, hão de abrir-se gravemente as côrtes, no dia immediato proceder-se-ha á verificação dos poderes, d'aqui a um mez começarão os debates renhidos, a opposição agredirá o governo, por aquillo mesmo que ella fez quando era governo e porque era agredida pelo governo que hoje é opposição, dir-se-hão as mesmas coisas de parte a parte, com a unica differença das boccas que as dizem, hontem eram os regeneradores, hoje são os progressistas, e o que os progressistas então respondiam responderão agora os regeneradores, novos pares do reino tomarão assento na camara alta, que melhor fóra chamar-se camara larga, e sel-o para poder acomodar as successivas fornadas com que todos os dias a estão enchendo, e d'aqui a tres mezes as camaras fecham-se, as discussões acabam lá para virem continuar-se nos jornaes, e d'aqui a 365 dias, nós, se tivermos vida, saude, papel e tinta, tornaremos a fazer a mesma facil prophécia, com a mesma certeza de que ella se cumprirá á risca, e assim successivamente, idem, idem, idem, idem, idem.

Por este motivo, nós ao mandarmos estas linhas para a typographia, se fossemos economicos deverás, poderíamos recomendar aos typographos que as não desmanchassem depois de compostas, porque nos podiam servir com certeza, de anno para anno, sem a mais ligeira modificação na crença perfeita de que falharia muito mais depressa o typo, do que falhasse a nossa prophécia.

— Entretanto não devemos ser ingratos para o anno de 1882 que começa logo por nos trazer uma novidade á sensation, um acontecimento que vem revolucionar os nossos costumes pacatos, um facto que não se repete muito a miudo na nossa terra, cá escondida a um canto da Europa, uma rua que não é de passagem, e onde vem

apenas as pessoas que vem de proposito:— a visita do rei de Hespanha.

Esta visita vem ser pretexto para Lisboa se desforrar da sensaboria em que tem passado este inverno, porque ao passo que todas as capitães se divertem simplesmente por se divertir, a nossa precisa d'um motivo qualquer, todos menos este:—o divertir-se, para sair da sua insipidez habitual.

Esse pretexto foi um anno as inundações, outro anno o principe de Galles, outro anno o entusiasmo subito que deu em toda a gente por Camões, este anno será a chegada do monarcha hespanhol.

El-rei D. Affonso demora-se em Portugal, segundo se diz apenas oito dias, quatro em Villa Viçosa e quatro em Lisboa: mas pelo que ouvimos já contar, esses quatro dias terão quasi tantas noites como horas, porque pelo menos que nos conste já ha nem mais nem menos as seguintes festas dedicadas a sua magestade catholica:

Uma recita de gala em D. Maria.
Uma recita de gala em S. Carlos.
Um baile no Paço da Ajuda.
Um baile no Paço das Necessidades.
Um baile offerecido pela camara municipal de Lisboa.

Um baile offerecido pela Associação commercial.

Um fogo d'artificio, do pyrotechnico inglez Pain, o fogueteiro do Bairro Camões, e que já vem no caminho de Inglaterra para cá.

E não fecha aqui a lista das festas planeadas, ainda faltam as festas da colonia hespanhola em Lisboa, e tudo o mais que a vontade da gente se divertir ha tanto tempo recolhida pôde inventar.

Francamente não sabemos como el-rei D. Affonso distribuirá as suas quatro noites por tantas festas, entretanto nós lembramos-lhe respeitosa-mente um exemplo muito util a seguir, o exemplo d'aquella ceia em que o Senhor, quando andava pelo mundo, com tres peixes e dois pães deu de comer a treze pessoas.

No fim de contas o exemplo não é tão difficil de imitar como ao principio parece, porque mesmo sem ser Deus e limitando-se apenas a ser amanuense, ha muito quem com menos de tres peixes e dois pães, sustente, e não só um dia por acaso, todos, muito mais numerosa familia.

— N'estas festas planeadas para honrar o monarcha hespanhol, ha uma coisa que applaudimos sinceramente, e que estranhámos por ser muito logica e acertada — quem vive em Portugal comprehende-nos perfeitamente, — é a recita de gala offerecida a D. Affonso XII fazer-se no theatro de D. Maria.

É costume velho todas as festas nacionaes serem solemnizadas no theatro italiano, ao passo que no theatro de D. Maria, o nosso primeiro theatro portuguez, a tribuna real nunca se abre, e os ratos passeiam por ella como nós em nossa casa, e muito mais á vontade ainda, porque a nossa casa é mais pequena e nós somos muito maiores.

Surpreendeu-nos o bom senso com que, tratando de receber na nossa terra um soberano estrangeiro, nós o levamos ao nosso theatro, onde se faz arte portugueza e litteratura portugueza.

E para surpreender, sendo por isso mesmo ainda mais para applaudir, seja quem fôr, que teve essa idéa rehabilitadora.

— Continuando no mesmo bom caminho encetado por essa idéa, o espectáculo que o theatro de D. Maria fornece n'essa noite será exclusivamente um espectáculo portuguez. As peças escolhidas para essa recita são de Pinheiro Chagas, Antonio Ennes e Fernando Caldeira.

Entretanto, a respeito d'esse espectáculo, ouvimos uns pormenores que nos pareceram menos bem pensados: Ouvimos que o espectáculo se comporia de actos soltos das peças de Chagas e Ennes, o que é de um effeito desagradavel e perfeitamente contrario ao bom criterio artistico, que deve presidir á exhibição de qualquer obra d'arte. Retalhar um drama qualquer, apresentar não um fragmento qualquer escolhido como especimen das variadissimas qualidades que podem distinguir um escriptor dramatico, mas um acto ao acaso, á sorte, sem apresentação, nem modificação, nem explicação, é um sacrilegio artistico, que se pôde comprehender n'um theatro que faz commercio, e quando se quer exhibir exclusivamente o dado trabalho d'um dado artista, mas que não se comprehende quando se faz arte e se quer mostrar a litteratura d'um paiz.

Esperamos que estas razões sejam bem ponderadas, e que não se tente dar cabo das cabeças dos nossos visinhos hespanhoes que nos visitarem, fazendo-os procurar a ligação que ha entre o segundo acto da *Morgadilha*, com o terceiro do *Luxo* e o primeiro da *Mantilha de renda*.

— E antes de passarmos a outro assumpto, no-

ticiemos que a empreza de D. Maria inaugurou na quinta feira ultima umas recitas especiaes das quintas feiras, dedicadas á *sociedade elegante* de Lisboa, como diz o programma, e de que trataremos na proxima chronica.

— Ao fechar o anno de 1881 e ao fechar a nossa primeira chronica de 1882, tivemos no theatro portuguez o beneficio de uma actriz de talento, que apesar de afastada dos theatros de primeira ordem, occupa na scena portugueza um logar honroso: a actriz Amelia Vieira. Não falamos hoje do beneficio d'essa notavel actriz do theatro da rua dos Condes, por muitas razões, a começar porque escrevemos exactamente o ultimo quarto da nossa chronica momentos antes de levantar o panno para a primeira representação do primeiro acto da *Graça de Deus*, a peça do beneficio de Amelia Vieira. E quando se começa por uma razão d'estas seria inhabil não concluir com ella.

É isso mesmo o que fazemos.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. JOÃO I

Morrêra D. Fernando, o *formoso*. A mulher que o rei quereçoso de damas, de simples vassalla elevara ao seu throno, cortando pela opposição de clero, nobreza e povo, abreviara-lhe os dias da existencia com o seu proceder leviano. A herdeira da corôa era rainha de Castella.

A rainha viuva D. Leonor Telles, alimentava talvez a esperança de poder conservar a corôa na cabeça. A sua belleza e finura, a côrte de nobres que a cercavam davam-lhe talvez incentivo a pensar em tal.

O povo porém e alguns nobres sentiam dentro de si essa calma e bochorno que precede as tempestades. O rei de Castella avisinhou-se das fronteiras, se as passasse, quebrantando o seu juramento, a colera popular explodiria, e o pacto de familia ficaria quebrado.

O povo punha os olhos no filho bastardo do seu rei querido, no mestre d'Aviz, D. João. Tinha elle então vinte e cinco annos. Tivera, por milagre, a cabeça salva das intrigas da rainha sagaz. O valido, que manchára o thalamo do rei, ainda apparecia ao pé da rainha, agora um tanto mais retrahido, mas passado o lucto tornaria aos mesmos desvarios. A hora havia soado. O cutello do mestre d'Aviz deu-lhe o primeiro golpe e a sua vida apagou-lh'a a folha do estoque de Ruy Pereira.

A rainha não se julgando segura saíu para a sua terra d'Alemquer, e d'ali passou a Santarem. No emtanto Portugal era invadido pelas hostes castelhanas. O povo elevava o mestre de Aviz ao cargo de regedor e defensor do reino. As duas rainhas, mãe e filha, com D. João I de Castella, genro de uma e marido de outra, ao principio estiveram de harmonia. Em breve á bellissima Leonor sorriu de novo a veleidade de reinar. Conspirou. Descoberta a sua trama foi julgada por sua filha e genro, condemnada a abandonar o reino e encerrada no convento de Tordesillas.

Tudo sôa armas tudo sôa guerra. Lisboa está cercada. D. João defende-a de D. João I de Castella que a aperta e incendia as suas cercanias. D. Nuno Alvares Pereira devassa o Alemtejo recrutando gente e aguerrendo-a. Mas o circulo de ferro que envolve a capital não o deixa approximar. Chega a Almada e no alto dos seus cabeços faz fogaréos. Os de Lisboa que os descobrem, animam-se alegrem-se. Véem-n'o, fallam-lhe com outros fogos. No emtanto as armadas travam luctas, os guerreiros encontram-se ás vezes fóra das portas. D. João sae ás vezes dos muros a olhar a campanha, a ver que empresa poderá tomar. Ora a pé, ora a cavallo, o mestre vê tudo, tudo considera. Eil-o armado das suas solhas, sobre o cavallo bordado; na cabeça envolta em um barrete de voltas não traz o elmo pesado das batalhas, que lhe pende do arção da sella, mas não pôde dar um passo sem ir preparado para a defensiva, como os destroços semeados pela terra indicam; afastou-se um pouco da cidade que elle não abandonará, sem que a mão da providencia, faça chover sobre os castelhanos, cujas tendas se enxergam ao longe como outr'ora sobre os egypcios, a peste, que os obrigará a fugir.

São passados alguns annos. Atoleiros, Aljubarrota, Valverde, são uma trilogia incommensuravel, um triduo glorioso celebrado nos altares da patria, e que de seculo em seculo, de idade em

idade, como uma torrente electrica, nos faz estremecer de entusiasmo e subsultar de vigor e civismo. Nos Atoleiros a inspiração, em Aljubarrota o entusiasmo popular, em Valverde a sciencia e valor guerreiros. Mas n'esses tempos heroicos e de fé viva, Deus, a Virgem, os santos, bem como os deuses do Olympo aos gregos, desciam não já em corpo, mas em espirito, a auxiliar os justos. Devido era consagrar-lhes no marmoreo testemunho de eterna gratidão. Alem, n'essa aldeia, onde se deu a batalha em que disputavam a corôa, o monarca estrangeiro e o eleito do povo, este fizera elevar á sua protectora um templo votivo. Os mestres mais habéis do paiz e do estrangeiro, vieram trazer á obra o cabedal da sua sciencia e experiencia. O rei vem de jornada visitar a sua obra predilecta. Entra no grande claustro; acompanham-o os seus gentis homens e cavalleiros, os do seu desembargo; os frades regosijam-se ao receber no seu seio quem tal presente lhe dera. Um desembargador de garnacha e carapuça apresenta ao rei o mestre que dirige a obra, Affonso Domingues? mestre Huguet? O rei de chapeirão de viagem e manton, o principe com o seu capello de rosas, e as mais figuras todas com os trajes da epoca, tão mal representados até hoje em quasi todas as estampas, dão a este desenho todo o sabor da idade media.

Este esboço, com o de Vasco da Gama do nosso n.º 60 do 3.º volume, são um passo energico dado no caminho da arte, desprezando as figuras de convenção, e extraindo das chronicas e dos livros de pedra os dados iconographicos e indumentarios, indispensaveis hoje em toda a obra de arte. N'estes dois desenhos, que ornão hoje as paginas do nosso periodico, Manuel de Macedo mostrou mais uma vez o seu talento de desenhador e os seus conhecimentos archeologicos que tanto o distinguem entre os nossos artistas.

O NOVO MERCADO VINTE E QUATRO DE JULHO

O antigo mercado da Ribeira Nova, hoje condemnado a desaparecer, foi mandado construir junto ao forte de S. Paulo no tempo d'el-rei D. José, depois do terremoto de 1755, e doado por este soberano á cidade de Lisboa. Extincto o forte de S. Paulo por occasião da construção do aterro em frente da Boavista, foi o seu terreno entregue á camara, e n'este sitio resolveu a sua junta de obras levantar o novo mercado, dando esta n'esse sentido as suas indicações, á respectiva Repartição technica, para a organização do necessario projecto.

Effectivamente foi este elaborado bem como o orçamento pelo respectivo engenheiro o sr. Francisco Ressano Garcia, e se não podemos dizer que seja um primor de elegancia e bom gosto, é ao menos mais um edificio importante que não envergonha a cidade.

Elaborado o projecto, com pequena differença do que foi levado á execução, deu a junta de obras um parecer em que a sua maioria o regeitava com o principal fundamento de ser fechado, e vulgar mais proveitoso e rendoso que elle fosse aberto, mas na sessão de 17 de julho de 1876, depois de uma longa discussão, foi regeitado por oito votos contra quatro, e approvedo o projecto cujo orçamento importava em cento e seis contos de réis.

As rasões que levaram a Camara a preferir este sitio para a construção do novo mercado, além da conveniencia de se achar já para ali encaminhada a concorrência publica, foram o desafogado do local, permitindo uma facil ventilação, poder ficar isolado de outras quaesquer edificações, sem perder a vantagem de ficar no centro da parte da cidade que é destinado a alimentar, portanto hygienica e economicamente bem collocado. A proximidade da praia e a largueza da rua com a qual confina completam estas vantagens.

Começada a construção introduziram-se algumas modificações no projecto primitivo, nomeadamente no systema de ventilação, etc., das quaes se fizeram os respectivos projectos e orçamentos supplementares, excedendo por essa circumstancia a despeza a cento e doze contos de réis.

Como se vê o mercado é fechado, havendo para elle ingresso por oito grandes portões, tres na fachada anterior, tres na posterior e dois lateraes. E' dividido em grande numero de logares, que correm ao longo das suas paredes, havendo no interior os de terrado para venda de flores, sementes e outras miudezas, tudo coberto. A larga coxia central dá entrada aos carros e cavalgadas de transporte, os quaes, feita a venda por grosso, saem da praça. Aos lados da coxia central ha muitos logares para peixe, que achamos muito acanhados. Em toda a parte a agua

e a iluminação se acham distribuidas convenientemente, não só para a perfeita limpeza do mercado, como para a sua utilidade e serviço durante a noite.

Quanto ao que soubemos do regulamento para vendas, julgamos que terá de soffrer grande alteração.

Devemos os principaes esclarecimentos aos srs. Elias Garcia, e Freire de Oliveira a quem os agradecemos.

E' hoje a inauguração d'este importante mercado e desejamos-lhe melhor fortuna e prosperidade que aos seus irmãos mais velhos do Campo de Santa Clara e de S. Bento, que em outro qualquer povo menos aferrado á rotina, já houveram produzido utilissimos e convenientissimos resultados.

PELOURINHO DE PINHEL

É antiquissima esta cidade, que pertence ao districto administrativo da Guarda, e pousa na margem esquerda da Ribeira das Cabras, 6 kilometros ao sul da confluencia d'ella no rio Côa. Segundo a maior parte dos nossos escriptores, foi fundada pelos turdulos, no anno 500 antes de Jesus Christo; porém, ainda que se lhe não queira demarcar tão alongada vetustez, é forçoso reconhecer-lhe bastante, sabendo-se ao certo que foi mandada levantar de novo e povoar por D. Affonso Henriques. O primeiro foral d'esta cidade foi-lhe dado pelo mesmo monarca, ampliando-o depois D. Sancho I em setembro de 1209, e confirmando-o em outubro de 1217 seu filho, D. Affonso II. Este mesmo foral acha-se reformado pelo rei D. Diniz, na Guarda, a 10 de setembro de 1282. D. Manuel tambem a seu turno lhe deu foral novo, em Santarem, a 1 de junho de 1510.

Tem por armas: um escudo com as quinas portuguezas, do lado direito, e do esquerdo um pinheiro verde e sobre elle um falcão; timbre, o mesmo falcão. Dizem representar aquelle que os terços de Pinhel tomaram em Aljubarrota a D. João I, de Castella, honrando-se desde então a cidade com a legenda: *Pinhel, falcão, guardamór de Portugal*.

Ha ali ainda hoje muita familia distincta pela sua fortuna, nascimento e nobres qualidades; e, em geral, são os habitantes de Pinhel muito trataveis e obsequiadores, probos, laboriosos e honrados.

Está sujeita a sesões por causa da má qualidade das aguas; porém, apesar d'isso, é o seu territorio fértil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado de todas as qualidades; é abundantissima tambem de caça grossa e miuda. Tem uma industria notavel, que é a do fabrico das meias de lã, produzindo algumas finissimas, que se confundem com a melhor casimira. Em 1873 a produção vinicola do concelho de Pinhel foi tão avultada, que chegou a vender-se ali vinho a 100 réis o almude.

Era cercada de muralhas de granito, com seis portas, cada uma defendida por sua torre; tinha mais um forte castello de granito, com duas torres muito altas, mandado construir de novo, ou reedificado em 1312 por D. Diniz que no mesmo anno reedificou tambem a então villa. Na cerca pouco resta em pé; as duas torres do castello, porém, ainda hoje lá se alteiam firmes, apesar dos rijos empuchões das tempestades, e do roçar de cinco para seis seculos. São de granito, muito altas, solidas e garbosas, conservando vestigios das ameias que as coroavam; a do lado meridional tem a meio uma espaçosa janella com mimosos lavores, e no tópo em um dos angulos, ha uma *gargula* de metro e meio, representando uma mulher em posição caprichosa, mas indecente.

Quasi a meio da praça ergue-se o pelourinho, que a gravura representa, o qual mede 8 metros a 9 metros de alto, e pelo estylo e lavôr parece obra tambem dos tempos de D. Diniz, ultimo restaurador da cidade; acha-se já muito injuriado do tempo.

Pinhel conta hoje 2763 habitantes; teve outr'ora por alcaide-mór o famoso João Fernandes Vieira.

A. A.

O BISPO DOS AÇORES

O bispo d'Angra e Açores de quem damos o retrato, nasceu na villa d'Oleiros, em 21 de julho de 1815. Aos dez annos ficou orphão de pae, e a familia em pouco felizes circumstancias. Cinco annos viveu com seu tio, vigario d'Oleiros, que

o educou, e em 1830 foi para o seminario de Sernache do Bomjardim, até que em 1834, expulsos d'ali os padres da congregação das missões, interrompeu os estudos que fizera com distincção, e voltou para casa.

Este primeiro periodo de sua vida lhe correu mui amargurado, e em Oleiros para se manter e auxiliar sua mãe e irmãs, exerceu o cargo de recebedor do concelho, do qual passou ao de escriptão da camara municipal, e por sua intelligencia e probidade, dirigiu quasi todos os negocios publicos d'aquella localidade, advogou, e instruiu alguns jovens da sua terra e visinhanças, prestando a esta valiosos serviços.

A vocação para a igreja, apesar de tão variadas occupações, lhe crescia com a idade, e o mesmo deploravel estado das cousas ecclesiasticas o estimulava a seguir uma carreira, em que entendia ser mais util á religião e á patria, e resolveu cursar a Universidade.

Faltavam-lhe, porém, os meios, que procurou obtendo um emprego no governo civil de Coimbra, e fazendo resumos das explicações dos lentes, que lithographava e vendia aos condiscipulos.

Assim conseguiu formar-se em direito em junho de 1849; e logo pela sua reputação como talentoso, e de exemplar proceder, foi convidado pelo bispo de Bragança para seu secretario, e d'elle tomou as sagradas ordens em 1850. Pouco depois governou aquelle bispado até 1854, em que foi nomeado commissario dos estudos e reitor do lyceu de Bragança, que não aceitou, preferindo o cargo de deão da Sé de Leiria, diocese que tambem governou; e em ambos foi notavel sua gerencia e mui proficua ao melhoramento do clero, e á instrução ecclesiastica.

Publicou então o tratado *Sciencia da Civilização*, para uso do seminario de Leiria, que regia, no qual leccionava algumas cadeiras, e que tem sido adoptado n'outros seminarios. Este livro, de muita valia, teve já segunda edição, pelo editor Chardron, do Porto.

O marquez de Sá da Bandeira, pelas qualidades do digno deão, o apresentou bispo de Macau em 1865, e o instou para ir logo dirigir o Collegio das Missões, já então estabelecido no antigo edificio do seminario de Sernache, onde aquelle bispo tinha estudado humanidades, e que tivera a ousada idéa de restabelecer!

Confirmado logo pelo Pontifice, mas com certas restricções de jurisdicção, não quiz o governo aceitar as respectivas bullas, e durante quatro annos o Bispo D. João se dedicou activamente aos melhoramentos moraes e materiaes do Collegio das Missões. Não lhe faltaram, porém, disabores e contradicções, que o decidiram a renunciar a mitra de Macau, sem pedir congrua nem compensação alguma, quando o governo se decidiu a aceitar as referidas bullas, e o convidou a ir para Macau.

Sendo ministro da justiça Sá Vargas, muito conhedor dos meritos do desgostoso prelado, espontaneamente propoz sua transferencia para a diocese de Angra, que foi approveda pela Santa Sé, e o novo bispo sagrado em Sernache, em abril de 1872.

Até este tempo foi o sr. D. João Maria Pereira do Amaral e Pimentel, seu nome de familia, por vezes elogiado pelo governo em documentos officiaes, e por alguns ministros e deputados no parlamento. É commendador da ordem de Christo, e socio provincial da Academia das Sciencias de Lisboa. Um dos seus maiores merecimentos, é ter luctado, com rara tenacidade e energia, contra a fortuna adversa, na sua mocidade, sem amparo nem protecção de parentes ou amigos; conseguindo pela propria deligencia e incessante trabalho e estudo, elevar-se successivamente até á eminente dignidade episcopal.

Logo que chegou a Angra fundou o *Boletim do governo ecclesiastico*, a primeira e unica publicação d'este genero em Portugal, contendo as providencias governativas, instrucções disciplinares, discursos, pastoraes, etc., etc.; formando um archivo mui util á diocese, que tem já quatro volumes. Ha elevado o seminario diocesano a um dos mais florescentes do reino, ensinando-se ali as disciplinas de instrução secundaria, e no presente anno é frequentado por 124 alumnos internos e externos. Abriu uma subscrição para o mesmo seminario, que subiu já a dois contos.

Em 1874, 75 e 76 fez a visita pastoral nas ilhas Terceira, Fayal, Pico, Flores e Corvo, com excellentes resultados para a religião, disciplina ecclesiastica e reforma de costumes. Chrismou mais de 60:000 pessoas.

Inteiramente alheio a partidos politicos, e a influencias humanas, governa sua diocese inteiramente inspirado pelo dever, e inacessivel a pretenções e empenhos, como em toda a sua vida.



O MESTRE D'AVIZ — (Desenho original de Manuel de Macedo)

Estabeleceu a festividade do Beato João Baptista Machado, natural da cidade d'Angra, e mandou fazer uma primorosa imagem do mesmo, collocando-a na igreja do Collegio da dita cidade, onde o Beato residira, como jesuita.

Nas suas pregações e pastoraes, tem instado não só pelos interesses espirituales dos seus diocesanos, mas tambem pelos temporaes; especialmente pelas vantagens da instrução publica, e inconvenientes da emigração, dando excellentes conselhos sobre hygiene, agricultura, etc.

Tem promovido importantes obras no paço episcopal e no seminario, e ha ofertado varios paramentos e alfaias para a Sé e fornecido de mobilia o paço, que estava muito desprovido, onde estabeleceu uma officina typographica, para imprimir o *Boletim* e publicações religiosas ou de publica utilidade.

E' fecundo escriptor e discursador: quasi todos os mezes publica no *Boletim* uma pastoral ou discurso religioso, e no seminario faz varias praticas. Compoz e publicou o *Exercicio da Via-Sacra*, para uso dos seus diocesanos; e recentemente as *Memorias da Villa d'Oleiros e do seu Concelho*.

Esta obra, annunciada n'este jornal, revela profundo estudo, genio investigador e amigo do trabalho; bem como o amor que á terra do seu nascimento dedica o auctor, rememorando-lhe as glorias, e dando curiosas noticias de tudo quanto ha n'ella digno de menção. E mui interessante a introducção, resumo dos acontecimentos na antiga Lusitania até á organização da nação portugueza.

A villa de Oleiros muito se nobilita por ter sido patria do notavel jesuita, padre Antonio de Andrade, o descobridor do Thibet ha quasi tres seculos, que os francezes hoje fatuamente pretendem tel-o sido modernamente, ha trinta annos, pelo padre Huc; o



D. JOÃO MARIA PEREIRA DO AMARAL E PIMENTEL, BISPO DOS AÇORES
(Segundo uma photographia)

famoso missionario viajante, auctor do livro *L'Empire Chinois*, coroado pela Academia franceza. Tambem escreveu a sua *Viagem ao Thibet*, onde

penetrou pelo lado do norte, atravessando a Tartaria chinesa; mas o nosso padre Antonio de Andrade o fez pelo lado mais difficil, penetrando pelo Indostão até ás raizes das altas montanhas do Hymalaia, que subiu a travez de mil perigos e trabalhos por duas vezes, conseguindo boa recepção e affecto do soberano do paiz.

O padre Huc por ignorancia, ou por vaidade nacional, dá-se elle proprio, na referida obra, como o primeiro europeu que entrou no Thibet.

O bispo de Angra tributa ao padre Andrade justa veneração, transcrevendo nas *Memorias* a carta do mesmo ao geral da ordem, sobre a viagem ao Thibet, e o que por lá passou, datada de Angra em 8 de novembro de 1624, conservando a orthographia com que é escripta.

Este documento é de alta valia na historia das descobertas dos portuguezes, e em especial na dos trabalhos dos nossos missionarios.

Foram naturaes da mesma villa o segundo arcebispo de Goa, D. Jorge Thimudo, e outras pessoas illustres, e agora mais ficará engrandecida a terra humilde, que é berço do venerando bispo dos Açores; varão de extremada virtude, junta á modestia propria dos homens distinctos.

As *Memorias de Oleiros*, são impressas em Angra, na typographia episcopal; tem 358 paginas, uma estampa de Nossa Senhora da Conceição, o retrato do auctor, e alguns fac-similes de antigas inscrições romanas.

Em summa, o bispo dos Açores é um dos ornamentos do episcopado portuguez, e quem desejar noticias mais circumstanciadas a seu respeito, consulte o folheto *Vida publica do novo bispo de Angra*, publicado em 1872 por quem

estas linhas escreve.

Valle de Chellas, 15
de novembro de 1881.

Carlos José Caldeira.



O NOVO MERCADO VINTE E QUATRO DE JULHO INAUGURADO EM 1 DE JANEIRO DE 1882 (Desenho do natural por Antonio Ramalho)

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILÃO

XXII

O herdeiro, quadro de Theophilo Pattini. Não é pela qualidade de um desenho irreprehensível, nem pela pintura inexcelsível, que este quadro se torna notável; tudo n'elle está no pensamento. Uma casa nua, deixa-nos ver estendida no soalho, a figura mal roupada, triste do trabalhador, falcido de molestia ou de fadiga. Segura nas mãos um pobre crucifixo, ao lado a caldeirinha e o esquite; no outro lado, junto á lareira, a mulher desolada, chora com a cabeça encostada a um escabello, onde poisou a roca, emquanto o filhinho, nu sobre uma triste enxerga, olha para tudo sem perceber o que se passa. Eis o herdeiro; mas de que? d'aquella enchada e podão, d'aquella panella quebrada, d'aquelle retabulo da virgem comprado por meio tostão, d'aquelle nada, emfim. O pensamento é grandioso e ironico. Ninguem deixa de contemplar aquelle quadro. Michetti, mal o viu, antes da exposição, enviou uma felicitação telegraphica ao auctor.

Quem deve pagar (*chi la fa l'aspetta*), quadro de Jacome Mantegazza. Distingue-se pelo bem achado das posições e naturalidade dos diferentes individuos. Um rapazito esmurrou a testa a outro. A mãe d'este tral-o, com a cabeça amarrada, perante o mestre, que chamando o aggressor e agarrando-lhe pela orelha, o abana, dizendo-lhe: *ah! tu bateste, pois quem deve, pague*. A figura do professor, da mãe, dos dois rapazinhos, emquanto os outros sentados ás carteiras, com as pennas nas mãos, suspenso o estudo, olham o successo, prevendo que amanhã lhes succederá o mesmo, é tudo de uma verdade muito bem expressa.

A partida de xadrez de Jeronymo Induno, dá perfeitamente o sentido da historia contada por José Giacosa em seus delicados versos. O velho conde Renato, apostou que daria a mão de sua filha ao pagem Fernando, que salvou a vida ao seu amigo Oliverio de Fombrone, se este lhe ganhasse a ella uma partida de xadrez, senão que o mandaria matar. Os jovens não sabem da aposta e jogam; o pagem embebido na belleza da parceira, não faz senão tolices... mas em breve ella,

SAPATOS DE DEFUNCTO

VII

(Continuado do n.º 108)

Um dia, por tal signal que foi de jejum, Antonio Dourado deu entrada triumphal em casa.

Vinha como saíra, encasacado, de chapéu fino, camisa lavada, com os seus brilhantes, a corrente, os aneis, o seu relógio, tudo de ouro, ouro de lei, do mais fino quilate.

Parecia outro: se o habito é que faz o monge.

— Victoria! exclamou elle risonho, fluente, com uma grande abundancia de gesto.

A mulher que estava de maus humores, respondeu-lhe torto e ia a voltar-lhe as costas desprezadoramente.

Mas elle deteve-a nos seus braços, segurou-a, furtou-lhe um osculo muito chiado e atirou-lhe logo á queima roupa com esta noticia de sensação bombastica:

— Somos os herdeiros universaes!

Depois deixou-a em toda a sua liberdade de movimentos e poz-se a olhar para ella como se quisesse calcular bem o effeito de tão grata nova.

Nenhuma alteração porem no jogo physionomico d'aquella mulher.

Dir-se-hia de marmore!

Antonio Dourado não queria convencer-se do que estava presenciando.

Ella naturalmente não tinha percebido bem o que elle havia dito.

Era impossivel que não participasse da sua alegria, que não se interessasse pelos seus adiantamentos, que olhasse com indifferença para um facto de tamanha importancia moral, de tamanho alcance economico como era aquelle!

— Olha que somos os herdeiros universaes, filha ouviste, ouviste bem?!

— Ouvi sim.

que suspeita alguma cousa, e entrando a namorarem-se um do outro, começa a jogar maus lances, e quando o pagem distraído a olhal-a nem repara no jogo, ella aproveitando a occasião, dá a si mesma cheque matte, com uma das peças do parceiro. Os dois velhos não viram o estratagemma. Está muito bem conduzido, só o pagem é um tanto menos robusto do que no conto de Giacosa.

Francisco Filippini é um pintor lombardo, inclinado á pintura historica de grandes dimensões. Havia exposto no anno antecedente um quadro que fez effeito, intitulado *Vae tiranis!* (Ai! dos tyrannos!), e este anno apresentou o seu bello quadro *A martyr christá*, assumpto que tem certa analogia com o quadro do nosso pintor J. Victorino Ribeiro, que reproduzimos a paginas 44 do IV volume. Uma joven, martyrisada no circo, está amortalhada para descer á crypta, onde vae finalmente repousar. O rosto conserva a serenidade do animo, que encarava os tormentos com a esperanza no Céu. Tanto a do nosso pintor como a do italiano estão em posição semelhante, ambas as suas cabeças estão cercadas da auréola da santidade, mas o momento em que são retratadas é differente.

XXIII

Seria longo e enfadoso para o leitor descrever os muitos quadros que ainda se tornaram notaveis na exposição e citar nomes illustres, conhecidos, e até de mais nomeada que alguns de que fallámos. Quizemos apenas descrever alguns dos quadros que mais impressão nos causaram. Havia ainda aguarellas e muito notaveis; mas ceramos tudo para findar esta descripção com o nome que attrahiu a attenção do publico, e sobre o qual a critica mais se exerceu, e mais controvertidamente. É Paulo Michetti, natural de Francavilla no reino de Napoles. Tinha pedido para si só uma sala, mas não a podendo obter, reduziu-se a expôr trinta e sete quadros de diversas dimensões.

Tudo n'esta exposição de Michetti excitava a curiosidade, diz um critico, o genio do artista, o genero da pintura, as composições, a facilidade do pincel, ás vezes demasiada, e sobre tudo a singularidade das molduras que subministravam graciosas parodias.

Estudos de cabeças de figuras; uma vista de mar banhada pelo sol que reflecte deslum-

— E d'ahi? Não me dizes nada, não me dás os parabens?!

— Ora... Que tenho eu com isso?

E voltou-lhe as costas agastada, de venta torcida.

Antonio Dourado limpou as camarinhas de suor, e exclamou muito apaixonado.

— Bem empregadas quarenta libras que eu gastei em te concertar essa cabeça: antes t'a houvesse esmagado de encontro a uma parede.

Ella então voltou-lhe furiosa:

— Isso é que tu querias, malvado, gastaste muito com a minha cabeça? Pois fia-te na da Joanna que ainda te hade custar mais caro.

E não houve maneira de a trazer ás boas. Antonio Dourado sentia-se isolado no meio do seu triumpho.

O amor proprio d'elle tinha umas coegas insofridas de apothese.

Na verdade era realmente triste não ter quem participasse da sua alegria, quem partilhasse de seu triumpho.

Elle via-se ajoujado de satisfação, e sentia-se esmagado sob o pezo de tanta fortuna junta, de tamanha felicidade!

Precisava alijar tão grande carga, tamanha fortuna junta, queria que todos fossem felizes com elle e se congratulassem de o ser.

Porque realmente ali considerava-se feliz. A sorte favorecia-o a olhos vistos com as suas mais prodigas blandicias.

Ah! como Deus favorece os seus alarves!

A final o sonho dourado do mercieiro tornara-se uma realidade palpavel, tão palpavel que a trazia ali comsigo na algibeira era o testamento de D. Monica, santa e virtuosa senhora!

Aquelle testemunho de amizade que ella acabava de lhe dar, nomeando-o herdeiro universal de todos os seus bens havidos e por haver, enterrecera-o.

«Santa e virtuosa senhora! Deus te leve bem depressa para o teu santo reino, e tenha por lá bastantes annos sem mim».

brando a vista, e sulcado por uma linha de barcos de vela latina. Ali um quadro estranho: é um bosque espelhando-se n'um rio de curso rapidissimo, um trem de caminho de ferro que passa no ambiente deixa no céo uma lista de fumo cinzento, emquanto os cavallos de dois valleiros que passavam o rio a vão, tomam o freio nos dentes e os levam em carreira desesperada; é quasi noite, as ultimas chammas do sol ponente reflectem-se sobre as nuvens, e d'estas sobre o rio com côres vivas e violentas dando ao quadro um aspecto phantastico. A grande imaginação do artista revela-se n'esta composição.

Havia onze quadros da vida agreste dos Abruzzos onde Michetti reside. Apresenta além d'isso uma especie de collecções que são como estudos das differentes edades da vida; a infancia por exemplo:

Um rapazito leva ao pasto as ovelhas. Uma rapariguinha deitada sobre a herva, entre malmequeres, guarda o seu gado, tendo ao pé um lindo cordeirinho. Se estudá a adolescencia, eis uma joven que leva o gado ao pasto na primavera, quando os pecegueiros e cerejeiras começam a florir, espelhando-se no azul do mar ligeiramente velado, caminha contra o sol e cantando sob os impulsos de um amor que não tem ainda objecto fixo.

Outro quadro mostra um passo mais avançado na vida. Outra joven passa ao longo de um campo de trigo, um aldeão segue-a timidamente; presente-o ella sem o olhar, e sente uma casta emoção, caminha confusamente, inclinando-se a acarinhá as flores que se levantam entre as espigas. Outro aldeão mais usado canta uma canção de amor a outra pastora. — Ali é um pedido de casamento n'um jardim. N'outro os amantes que vão conversando de amores, indo com os paes para a festa.

Depois seguem outros de um periodo de dôres.

XXIV

Ora todos os quadros de Michetti são pintados a colla, porque assim mais rapidamente pôde imprimir o seu pensamento na tela. E depois a singularidade das molduras.

Michetti faz arranjar estas por um marceneiro qualquer, depois elle mesmo ou as lavra ou cobre de estuque com relevos particularissimamente originaes, ou as cobre de uma demão de côr es-

Tal fôra a prece fervorosa de Antonio Dourado ao entrar na posse d'aquelle documento precioso, que tinha para elle as magicas virtudes de um verdadeiro talisman!

O caso passara-se assim.

Na manhã d'esse dia tão desejado, a Joanna veio chamar o sr. Antonio dizendo que sua ama lhe queria fallar.

Seria alguma nova estopada?

A creada sorriu mostrando a larga fila dos seus dentes acavallados, e respondeu:

— Parece-me que d'esta vez é que é certo.

— Certo! exclamou o sr. Antonio arregalando muito os olhos.

— Creio que sim.

— Então conte-me lá isso. Ella disse-lhe alguma coisa? Vossemecê tocou-lhe na ferida?

Joanna sorrindo sempre, respondeu:

— Verá, verá, não se demore.

A recommendação era desnecessaria.

Antonio Dourado foi-se vestir de ponto em branco, e tão rapidamente o fez, que nem lhe ganhariam vantagens as transformações e visualidades de qualquer das apparatus magicas do velho Salitre, que o camartello municipal ha pouco reduziu ao terrivel *nada* em que todas as coisas humanas vão acabar.

Momentos depois fazia-se elle annunciar á D. Monica todo secio, palpitante de entusiasmo interesseiro cheio de cubiça suéz.

Levava nos labios esse sorriso alvar que é mascara de grandes velhacos.

— Aqui estou minha querida senhora. Precisa de alguma coisa?

— Precisava fallar-lhe.

D. Monica tinha concluido a sua toilette de passeio.

Trajava vestido de seda listrado de côres, o que junto á rotundidade das suas fórmas, lhe dava a mystica apparencia de uma basilica.

Alem d'isso a respeitavel matrona ornara-se

cura, para sobre ellas pintar o que á sua phantasia occorreu. E é impossivel descrever e fazer perceber a variedade, n'este genero, que a sua imaginação lhe suggere, e muito menos o effeito que cada uma d'essas molduras produz no respectivo quadro. Esta singularidade foi uma das coisas sobre que a critica mais se derramou, approvando uns, e alcunhando outros de extravagancia esta idéa de Michetti; comtudo alguns artistas tentam copiar esta novidade, o que só tem provado que Michetti é o unico que a sabe tornar artistica. As vezes mesmo corta um pedaço de cartão, dando-lhe a fórma de um ramo de oliveira, pinta-o com as côres proprias, colloca-o sobre o quadro como se costuma fazer ás offerlas ou votos que se offerecem aos santos.

A critica acha isto pueril e pouco serio; mas um critico diz que nem lhe agradam, nem lhe desagradam estas molduras, mas assim como se compõe o preludio para um trecho de musica, o exordio para um sermão, a symphonia para uma opera, o preambulo para um discurso, não vê porque o artista, se assim lhe agrada não possa começar o quadro pela moldura.

(Continua)

R

TENDA-BARRACA

ANNEXA AO HOSPITAL ESTEPHANIA

(Concluido do n.º 108)

V

Como elemento accessorio e appenso á tenda-barraca descripta no § antecedente, o professor Ferraz de Macedo conseguiu que a Administração do Hospital mandasse tambem proceder á construcção de uma tenda propriamente dita, em cujo fabrico se attendesse ás prescripções recomendadas pelos mais notaveis especialistas.

A armação d'esta tenda, que offerece capacidade para abrigar duas camas e que foi executada com toda a perfeição nas officinas da Fabrica d'Armas (em Lisboa) seguindo-se proximamente o modelo de Leão Le-Fort, consta essencialmente do seguinte:

1.º — Dois prumos de secção circular com 3^m,5 de comprimento e 0^m,1 de diametro, — prumos

com os seus ouros, que lhe caíam sobre o collo como em taboleta de ourives.

A marrafa nova compunha-lhe a physionomia, onde o caruncho dos annos assignalara os seus estragos, e ficava-lhe a matar com os caracoeinhos muito garridos, fazendo lembrar, salvo seja, os de um anjo de lóas em cyrio de aldeia.

Corçava-lhe a cabeça um chapéo respeitavel, verdadeira preciosidade archeologica, enfeitado de plumas tal qual como o de S. Jorge, que vae na procissão dos pretinhos de Guiné *pr'a gran, pr'a gran*, umas plumas que tinham o seu que de marcial, e sobre as quaes dir-se-hia haver passado já o pó de cem homericas batallas.

Estava n'aquelle dia com o seu flato, flato renitente para o qual não havia estherico salutar que prestasse, mal de velhos que não mata, mal passageiro que não leva ninguem á cova.

Era o que ralava Antonio Dourado, por isso elle sempre que D. Monica se lhe queixava dos seus achaques, não cessava de lhe perguntar:

— Mas no interior não sente nada?

— Nada.

— Nem palpitações?

— Nada absolutamente.

— Então não pense n'isso que está para lavar e durar: coma e beba, e coma bastante, que a barriga é que leva as pernas.

O demonio da velha era até capaz de resistir a uma indigestão de rozalgar.

Tinha sete folgos como os gatos.

Isto pensava o malvado, o biltre mantigueiro, mas não o dizia por vergonha e manha principalmente, porque em verdade a vergonha n'elle não era tanta que o fizesse callar o que sentia, o que lhe vinha á bocca quando a mostarda lhe chegava ao nariz.

— Então que me queria dizer?

D. Monica mandou-o sentar.

que têm na parte superior hastes de ferro destinadas a enfiar nos extremos de duas barras parallelas. Ambas estas barras apresentam diametros eguaes aos dos prumos; o comprimento de uma é de 5^m,12; e da outra é de 6 metros.

2.º — Quatro braços com 2^m,42 de comprimento e secção circular (variavel entre os diametros de 0^m,06 e 0^m,08), reunidos dois a dois por peças de bronze de fórma cylindrica com appendices destinados á articulacão d'esses braços, — peças que enfiar nos dois prumos descançando á conveniente altura sobre os dentes de molas n'elles entalhados. Os braços apresentam nos extremos oppostos ás peças cylindricas espigões de ferro roscados e munidos de porcas, cujo fim é manter afastadas as telas que formam o tecto da tenda.

3.º — Dois ovoides de revolução destinados a manter o afastamento das duas barras que servem de fileiras, — para o que têm um orificio de secção circular concentrica com o eixo, orificio em que entram as hastes de ferro dos prumos. Estas peças ficam sobre a fileira inferior e sustentam a superior.

4.º — Duas hastes com 0^m,05 de diametro e cerca de 2 metros de comprimento, munidas de espigões e destinadas a dividir em duas as catenarias formadas pelas cordas do beiral do tecto.

5.º — Oito hastes com o mesmo diametro das antecedentes, mas mais curtas, destinadas a conservarem abertas em alpendre as portas da tenda.

6.º — Quatro hastes de secção quadrada com braços escorados, em cuja parte superior estão praticados gornes destinados á passagem das cordas que esticam a tenda no sentido do comprimento.

7.º — Dezoito estacas ferradas, cujo fim é fixar as espias.

8.º — Cem estacas pequenas, destinadas a fixarem a parte inferior das paredes de lona.

9.º — Seis maçanetas (duas grandes, e quatro pequenas), destinadas a coroar os prumos e as hastes que sustentam as portas lateraes.

10.º — Seis caixilhos de arame de ferro estanhado; são de fórma rectangular e apresentam articulacão n'um dos lados menores; têm por destino fechar e abrir as janellas.

O resto do material é constituído por: lona impermeavel (para a parte exterior); meia-lona (para a parte interior); cordas para espias; couro para reforços; botões de latão; colchetes; etc.

Tratava-se portanto de algum assumpto grave e estopador: massada certa.

Seja por caridade!

— Diga-me, tem hoje muitas voltas a dar?

— Em voltas ando eu sempre, minha senhora Olhe, vou d'aqui á Ribeira Velha. Antes vou á alfandega despachar umas caixas de genebra, depois tenho que ir de Santa Apolonia á Graça, da Graça a Santo André.

— A pé, a pé! exclamou D. Monica pondo as mãos na cabeça.

— Nos machinhos pretos, confirmou ufantemente Antonio Dourado, afirmando que tinha muito boas pernas.

D. Monica lastimava-o.

— Ah! pela torreira do sol! Isso é querer dar cabo de si!

— Oh! vaso ruim não quebra.

Nunca Antonio Dourado foi mais feliz e mais verdadeiro tratando de si em estylo figurado: a comparacão nada deixava a desejar.

D. Monica disse-lhe então que precisava dar-lhe um pequenino incommodo, mas que, visto o exposto, ficaria para outra occasião.

— Nada, uma volta mais ou uma volta menos não faz ao caso. Que precisa então?

— Conhece algum tabellião de notas?

— Conheço todos, porque tenho em todos o meu signal.

— E' que, proseguiu D. Monica, desejava fazer as minhas disposições...

— Ora que lembrança!!!

Mas logo fingindo-se triste accrescentou:

— E' verdade que essas coisas não matam n'ninguem, e a gente deve ter sempre prevenido o dia de amanhã.

— Exactamente, applaudiu ella.

E accrescentou:

— Seria um grande remorso para a minha alma se morresse, deixando em ingrato esquecimento as pessoas a quem devo favor e amizade.

— Da Joanna principalmente deve lembrar-se, porque bem se vê que é muito sua amiga.

A fileira inferior sustenta o tecto interno da tenda, enfiando n'uma bainha feita n'este tecto na parte correspondente ao espigão. A fileira superior sustenta o tecto externo, que a cobre tambem na parte correspondente ao espigão, fixando-o em dois pontos por meio das hastes de ferro dos prumos.

Os dois tectos descem quasi parallelamente conservando entre si a distancia de 0^m,25.

Aos lados dos tectos estão cozidas as respectivas empenas, — nas quaes se acham praticadas ao meio e em baixo aberturas que são a serventia da tenda e que podem fechar-se por meio de portas-reposteiros.

Estas portas-reposteiros estão de ordinario enroladas na parte superior e seguras com presilhas.

No extremo do tecto interno, substituindo os frechaes, ha cordas tralhadas — que se prolongam para fóra da tenda, e cujo fim é manter tensa a lona no sentido do comprimento da mesma tenda. Por baixo d'estas cordas, na tenda interior (permitta-se-nos a expressão, porquanto a duplicidade do tecto e das paredes dá origem, nem mais nem menos, que a duas verdadeiras tendas, uma das quaes circumscreve a outra) ha tambem cordas (duas de cada lado) fixas ao tecto pelos extremos e destinadas a sustentar as paredes lateraes internas (que são bipartidas e guarnecidas, na parte superior, de argolas, em que enfiar as quatro cordas, de que ora acabei de fallar).

Tanto as argolas, como as cordas, ficam cobertas por uma sanefa constituída por um excesso da fazenda que fórma o tecto da tenda anterior.

Esta disposiçãõ de argolas-de-correr tem por fim permittir que as paredes lateraes internas recolham aos angulos da tenda, deixando circular livremente o ar.

As paredes lateraes externas são presas ao tecto externo por meio de colchetes sobre que (analogamente ao que succede na tenda interior) se debruça uma sanefa constituída por um prolongamento do tecto. Estas paredes são divididas em tres partes, podendo unir-se entre si para formarem um todo; geralmente a do meio, porém acha-se levantada, deixando (por assim dizer) uma grande porta, á qual serve de alpendre.

No tecto externo ha perto do espigão tres janellas-ventiladores guarnecidas de caixilhos de arame e susceptiveis portanto de se abrirem ou fecharem como foles.

D. Monica limitou-se a dizer:

— Queria que me acompanhasse e dirigisse, porque eu nada entendo d'essas coisas.

Joanna entrou n'este momento a participar que a carroagem estava á porta, e D. Monica deu-lhe a chave da sua commoda, para que lhe trouxesse um rôlo de papeis que lá estava.

Entretanto dizia a Antonio Dourado:

— Preciso tambem cuidar da minha alma. Desejava fazer alguns legados pios á Misericordia de Lisboa, ao Asylo da Mendicidade, e...

Antonio Dourado interrompeu.

— E' justo, mas não se alargue muito, considere que á sombra d'esses desgraçados vivem regaladamente muitos gulozos: os pobres bebem agua choca de cebolla, e elles o bom vinho do Porto.

Joanna voltou trazendo o rôllo.

Foram-se n'elle os olhos de Antonio Dourado.

D. Monica guardou-o na sua mallinha de feixos de prata, deu algumas ordens á creada, e voltando-se para Antonio Dourado disse com amigavel doçura.

— Vamos?

— Vamos, respondeu elle.

E foram-se por alli fóra, arrolando como dois pombinhos, phrases de muito affecto e de entranhada estima.

Antonio Dourado ajudou D. Monica a subir para o trem, disse ao cocheiro para onde se havia de dirigir, e sentou-se ao depois dando a direita a D. Monica, portando-se em tudo is'o galhardamente, com a agilidade e finura de um galan de alta comedia.

Dir-se-hia ter remocido dez annos.

Quem os visse ao depois rindo na mais intima e alegre convivencia, emquanto o trem rodava ao seu destino, não julgaria decerto que aquellas duas creaturinhas de Deus, iam tratar de um negocio que cheirava a mortos.

O que faz o dinheiro!

(Continua)

LEITE BASTOS.

No tecto interno ha dois renques de ventiladores (sendo seis em cada panno), — ventiladores que devem corresponder proximamente ao meio das camas dos enfermos.

Em réis 450\$000 importou a tenda-ambulancia que ora acaba de ser descripta, e que se acha reproduzida em gravura na pagina 264 do vol. IV do OCCIDENTE.

Ao talentoso professor de clinica cirurgica, Oliveira Feijão, coube ser o primeiro, que entusiasticamente aproveitou na pratica as preconizadas vantagens de similhante abrigo hospitalar.

Oliveira Feijão não é d'aquelles espiritos tacanhos que se despeitam com as glorias dos collegas; tem na sua propria individualidade elementos para se fazer notavelmente apreciar, sem aprear os outros do pedestal que lhes compete.

Com a lealdade honrosa — que tantos outros (coitados!) tratam egoistamente de pôr de parte quando em seus torpes sentimentos de inveja e mesquinhez os move o acinte ou o azedume — Oliveira Feijão, reconhecendo a importancia dos altos serviços prestados á hygiene dos nossos hospitaes civis pela brilhante iniciativa do seu collega Ferraz de Macedo, e querendo rodear de todas as precauções recommendaveis uma enferma a quem operou pela ovariectomia no Hospital de S. José, tratou de sollicitamente requisitar para a cerca do referido hospital a tenda-ambulancia que estava guardada na arrecadação do Hospital-Estephania.

Armada que foi a tenda na cerca do Hospital de S. José, recolheu-se n'ella a operada; e o illustre clinico teve o prazer de ver eloquentemente corroborados na pratica os annunciados bons-efeitos d'este prestantissimo recurso hospitalar.

Actualmente acha-se a tenda em serviço activo, aproveitada para enfermos operados pelos alumnos da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa.

Xavier da Cunha.

gunda parte trata do latim e as linguas romanicas (particularmente o portuguez) explicando o que era esta lingua, como se formou, seus dialectos, como se estendeu e até onde dominou; a sua influencia sobre as linguas dos povos que dominou, quaes eram ellas; a influencia sobre elle das linguas barbaras; formação das linguas romanicas, e que influencia podia ter o arabe sobre

ALBUM DAS GLORIAS, *desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro, texto de João Rialto e João Ribaiço, lithographias de Justino Guedes.* — Estão publicados os n.ºs 21 e 22 d'esta humoristica publicação, que trazem duas estampas representando os srs. Antonio Rodrigues Sampaio e bispo de Vizeu.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, *fasciculo 26 de 48 pag. in-folio. Editor Henrique Zeferino, Lisboa.* — Este fasciculo alcança desde a palavra *arma*, que já vem do fasciculo 25, até á palavra *arquivo*.

A empresa promete remediar a irregularidade com que tem sido publicados os ultimos fasciculos d'esta importante obra.

Deixou de dirigir a confecção d'este dictionario o sr. Francisco d'Almeida, que muito intelligentemente o iniciou.

ALMANACH BUROCRATICO E COMMERCIAL PARA 1882, *publicado pela Empresa Litteraria de Lisboa.* — É um interessante volume cheio de indicações uteis e necessarias em todos os escriptorios e gabinetes de trabalho.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA COMMERCIAL DO PORTO, N.º 2 de 1 de Novembro. Pelo summario que em seguida extractamos se pôde ajuizar da importancia d'esta publicação. — A industria manufactureira tem condições de existencia no nosso paiz? memoria por J. A. Gonçalves — Resumo da conferencia de 15 de dezembro de 1880 — Bibliographia, por Oliveira Martins — Do ensino do commercio no Porto, por Tito de Noronha, etc.

AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILIZAÇÃO PRIMITIVA, por J. P. Oliveira Martins — Livraria Bertrand editores, Lisboa. São 2 vol. de 240 pag. cada um in-8.º com que o sr. Oliveira Martins acaba de enriquecer a *Bibliotheca das Sciencias Sociaes*. Este importante trabalho em nada desmerece dos trabalhos anteriores do mesmo auctor, e demonstra claramente o grande estudo a que o sr. Oliveira Martins se tem dado para n'um praso relativamente curto, produzir a já importante serie de livros que tem dado á estampa.



PELOURINHO DE PINHEL

(Segundo um desenho do natural por Abel Acacio)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

CURSO DE LITTERATURA NACIONAL, *para uso dos lyceus centraes. I A lingua portugueza, noções de glottologia geral e especial portugueza por F. A. Adolpho Coelho.* . . . Porto, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, editores, largo dos Loyos, 12. — 8.º de VIII, 144 paginas. — N'esta 1.ª parte que o sr. Adolpho Coelho divide em quatro secções, trata na 1.ª das noções geraes comprehendendo a philologia e glottologia, grammatica historica ou comparativa, desenvolvendo em breve quadro as suas diversas partes, dando principalmente conhecimentos das regras da phonetica; influencias exteriores que reagem sobre as linguas, classificação d'estas, geographica, ethnologica, genealogica, etc., etc.; alterações lexilogicas por archaismo ou neologismo; n'esta parte copia alguns trechos de el-rei D. Duarte e de seu irmão o infante D. Pedro, de Fernão d'Oliveira, Duarte Nunes, D. Francisco Manuel e Candido Lusitano, que mostram como estes diversos escriptores encaravam certas questões de linguistica; alterações phoneticas, morphologicas e syntacticas. Na se-

lingua da peninsula, etc. Na terceira secção trata da formação do lexico portuguez, quaes os elementos latinos que n'elle entraram e os diversos modos porquê; alterações na formã dos vocabulos e na significação primitiva d'elles; elementos das linguas falladas na peninsula anteriormente aos romanos, e pelos conquistadores depois do imperio romano, etc; depois das navegações e conquistas portuguezas, elementos das linguas africanas ou asiaticas. Na quarta secção conclue por uma rapida noção da historia da lingua portugueza escripta, com uma noticia dos principaes grammaticos e humanistas portuguezes até o fim do seculo passado. Esta maneira de tratar o assumpto é quasi inteiramente nova entre nós, e exposta com a singeleza que distingue os trabalhos do erudito professor, deve ser este livro de muita utilidade aos estudiosos, embora de futuro tenha de soffrer modificações e aperfeiçoamentos inherentes a todo o trabalho humano.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Mais vale penhor na arca do que fiador na praça.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPRESA DO OCCIDENTE

ILLUSTRADO COM MAIS DE 50 GRAVURAS PORTUGUEZAS E UMA LINDA CAPA EM CHROMO-LITHOGRAPHIA

É o almanach mais elegante que se tem publicado em Portugal, e é uma completa novidade.

Preço, em Lisboa, 240 réis

À venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empresa.

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á **Empresa do Occidente**, rua do Loreto, 43 — Lisboa.